

## Os classificadores da Língua Gestual Portuguesa (LGP): estudo piloto

Helena Carmo<sup>1</sup>

Mara Moita<sup>2</sup>

Ana Mineiro<sup>1</sup>

### **Resumo**

*Este trabalho piloto pretende apresentar a primeira análise do uso de classificadores na Língua Gestual Portuguesa (LGP) observando a articulação destes elementos em surdos gestuantes de LGP de diferentes faixas etárias (dos 12 aos 60 anos de idade). Para o efeito, foi constituído um corpus de produção elicitada através de uma tarefa do teste ASLAI desenvolvido por Hoffmeister e colegas (1990) e de produção espontânea controlada através de uma história desenhada para o propósito. Dos dados de produção de classificadores, observou-se que o uso de classificadores sofre de uma variação fonológica predominantemente no traço de posição de dedos e nos subtraços consequentes [+ ou - flexão] e [+ ou - abertura], que a M2 pode apresentar-se com um classificador de valor idêntico ao da M1 ou diferenciar-se para referenciar a localização da M2, e que a variação de configurações utilizadas é corrente em todas as faixas etárias.*

**Palavras-chave:** *Classificadores. Língua Gestual Portuguesa. ASLAI*

---

<sup>1</sup> ICS-UCP - Instituto de Ciências da Saúde da Universidade Católica Portuguesa de Lisboa, Portugal.

<sup>2</sup> CLUNL - Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa, Portugal.

## **Contextualização**

O presente estudo surgiu da necessidade de identificar e de descrever os classificadores utilizados na Língua Gestual Portuguesa (doravante LGP). A partir da observação a “olho nu” da autora principal deste artigo, gestuante surda profunda, sobre a possível existência de uma recorrente variabilidade no uso de classificadores entre gestuantes de LGP, considerou-se identificar, descrever e analisar a utilização de classificadores em LGP.

Para a recolha de dados, utilizou-se a tarefa *Real Object* do *American Sign Language Assessment Instrument* (doravante ASLAI) para produção elicitada, um teste desenvolvido pela equipe de Hoffmeister (HOFFMEISTER et al., 1990) para avaliar o desenvolvimento da linguagem em crianças surdas gestuantes da *American Sign Language* (ASL), e criou-se uma história em quadrinhos para produção espontânea controlada. A participação neste trabalho contou com surdos gestuantes de LGP distribuídos por quatro faixas etárias (dos 12 aos 60 anos).

Esta investigação tem como base a criação de um pequeno *corpus* de classificadores de LGP para estudos linguísticos e para, futuramente, ser desenvolvida uma tipologia dos classificadores em LGP. O objetivo deste estudo é (i) identificar e descrever como os surdos gestuantes de LGP como língua materna produzem determinados classificadores verbais e classificadores nominais (segundo a proposta de SUPALLA, 1986), e (ii) observar as diferenças de utilização de classificadores entre gestuantes de diferentes faixas etárias.

## **Os classificadores e a sua importância nas Línguas Gestuais**

Desde os anos 80 do século passado, a investigação tem demonstrado a importância dos classificadores nas línguas gestuais (SUPALLA, 1982; 1986; EMMOREY, 2003; MEIR, 2003; BERNARDINO, 2012), que além de revelarem um valor icônico, ou uma semelhança entre forma e signo, um valor predominante na modalidade linguística que pertencem as línguas gestuais, modalidade visuoespacial (ARONOFF et al., 2003), estes elementos também comportam-se como estruturas morfológicas que constituem a unidade lexical e, por isso, responsáveis pela formação de um número vasto de gestos e na criação de novos gestos (QUADROS & KARNOPP, 2004).

A par das línguas gestuais, também os classificadores são relevantes em algumas línguas orais, tal como propõe Allan (1977) que os define como (i) morfemas que aparecem nas estruturas de superfície e (ii) morfemas com significado, tendo em conta que um classificador denota uma característica saliente percebida ou imputada a uma determinada entidade ou objeto. Os classificadores, sejam eles gestuais ou orais, são assim estruturas morfêmicas.

No caso dos classificadores das línguas gestuais, estes comportam-se como gestos plenos (item lexical composto de vários morfemas) ainda que não o sejam. Como função, os classificadores podem substituir, descrever, especificar e qualificar seres animados e inanimados incorporando ações a esses referentes. A modalidade visual das línguas gestuais promove a incorporação de várias funções num único classificador que pode preencher várias funções sintáticas (como associações entre sujeito e predicado ou associações entre verbo, objeto, instrumento, modo, aspeto ou localização), segundo Nascimento & Correia (2011, p.108-109). Sendo os classificadores muitas vezes utilizados pela comunidade linguística gestuante como catalisadores de narrativas contadas (CARMO, 2016) ou ainda de poesia gestual declamada (MARTINS, 2016), a sua tradução torna-se particularmente difícil.

Uma das classificações possíveis no que respeita a taxonomia dos classificadores é descrevê-los como morfemas livres que comportam uma grande densidade de informação semântica veiculada ou representada enquanto classificadores nominais e classificadores verbais, da senda das propostas de Suppalla (1986), Ferreira Brito (1995) e Faria-Nascimento (2009).

A propriedade mais relevante dos classificadores nominais é a de incorporar qualidades, características e atributos do nome que descrevem. Este tipo de classificador descreve a entidade ou parte da entidade de indivíduos, animais, plantas, elementos da natureza, elementos do mundo, etc. (MEIR, 2003).

Com maior ocorrência, são encontrados classificadores combinados com verbos de movimento e de localização (SUPALLA, 1986; SCHEMBRI, 2001). Assim, os classificadores verbais realizam-se enquanto predicados completos, reunindo no seu núcleo sintagmas nominais adjetivados, na posição de sujeito, objeto, instrumento, locativo, adverbiais de modo ou de consequência ou ainda permitindo a marcação de aspecto. O uso dos classificadores verbais demanda um conhecimento da língua gestual por parte do

gestuante, uma vez que a combinação destes elementos nas formas verbais deverá respeitar a forma, orientação, localização movimento, referência pronominal e outras propriedades pertencentes à representação do referente (HOFFMEISTER et al., 1997).

Os classificadores podem representar uma frase completa ou parcial (TANG, 2003) e ao nível semântico a interpretação só é possível quando se articula com os outros parâmetros que constroem o gesto (como movimento, direção, expressão e componentes não manuais), segundo Nascimento e Correia (2011). Como exemplo, o classificador em 1 (Figura 1) em LGP pode representar, por exemplo, o número 1 ou um pau, mas poderá significar UMA PESSOA PASSANDO (Figura 2) quando movimentado de uma localização para a outra acompanhado por uma determinada expressão facial. A entidade que este classificador representa poderá ser diferente dependentemente da orientação, do movimento e da localização em que o classificador é produzido.



Figura 1: Classificador com a configuração em 1.



Figura 2: Classificador verbal UMA PESSOA PASSANDO.

A combinação do classificador com o verbo tem sido caracterizada na literatura em diferentes abordagens derivadas das várias funcionalidades que estes morfemas adicionam na estrutura verbal. Uma vez que a escolha do classificador é motivada por valores discursivos e pragmáticos, influenciando as diferentes análises (SCHEMBRI, 2003). As configurações manuais das línguas gestuais determinam as entidades a serem “classificadas”, sendo certo que as mesmas não constituem, por si só, nenhum classificador em particular (SCHEMBRI, 1996).

Os classificadores usados em LGP não foram, até a data, objeto de atenção pela parte da comunidade científica que estuda esta língua gestual, motivo pelo qual nos propomos a observar e a descrever a sua utilização nos próximos parágrafos.

## **Metodologia**

O presente trabalho tem como objetivo a identificação e descrição do uso de classificadores em LGP a partir de dois tipos de recolha de produção de classificadores: (i) aplicação do *Real Objects Task* (RO) que é uma tarefa pertencente ao *American Sign Language Assessment Instrument* (ASLAI) de Hoffmeister e colegas (1990); (ii) conto de uma história em quadrinhos.

## **Amostra**

A amostra deste estudo é composta por 20 surdos profundos pertencentes paritariamente aos dois gêneros (10 do gênero feminino e 10 do gênero masculino), todos com aquisição de LGP até os 6 anos de idade. Os participantes do estudo foram distribuídos por 4 faixas etárias: (i) dos 12 aos 16 anos; (ii) dos 17 aos 25 anos; (iii) dos 30 aos 50 anos e (iv) com mais de 50 anos. A idade mínima de inclusão foi 12 anos e a máxima 60 anos.

A escolha de uma idade mínima (12 anos) foi feita tendo em conta padrões de consolidação da língua materna a idade média de 12 anos ou o início da adolescência como uma etapa final no processo de desenvolvimento linguístico em indivíduos com aquisição da linguagem no tempo regulamentar. No que respeita a divisão das faixas etárias foram escolhidas estas e não outras por representarem as várias fases do ciclo de vida: adolescência, adultos jovens, adultos maduros e adultos seniores. Não optamos por inserir adultos com mais de 60 anos, por não ter sido possível encontrar indivíduos surdos desta idade, com os critérios de inclusão utilizados (aquisição de LGP antes dos 6 anos e não existirem co-morbilidades com a surdez) e sem problemas de saúde associados e que podem afetar a linguagem (demências, declínio cognitivo, etc.).

Todos os participantes aceitaram participar neste estudo, tendo-lhes sido inquirida a sua disponibilidade na sua língua materna e tendo os mesmos assinado um consentimento informado, em língua portuguesa. O mesmo foi integralmente traduzido para LGP, antes de o assinarem, pela investigadora surda.

## **Procedimentos**

A nível de procedimentos, os participantes não tiveram conhecimento do tema do trabalho – os classificadores na LGP – antes de executarem as tarefas, de forma a não criar nenhum viés metodológico e para que o seu discurso refletisse a naturalidade de expressão desejada.

No que respeita os materiais utilizados no estudo:

*Tarefa 1: Real Objects Task (RO) do American Sign Language Assessment Instrument (ASLAI) (HOFFMEISTER et al., 1990).*

Aplicou-se a tarefa *Real Object* do teste ASLAI (*American Sign Language Assessment Instrument*), uma tarefa utilizada na investigação da Língua Gestual Grega (KOURBETIS, HOFFMEISTER & BERNARDINO, 2005) e em Libras (BERNARDINO, 2012). Este teste foi criado e padronizado pela equipe de Hoffmeister (HOFFMEISTER et al., 1990) e visa a produção de classificadores, incluindo a quantificação e organização de objetos, partes do corpo, relações primárias e secundárias dos próprios classificadores e nas suas construções simples ou complexas, utilizando vários tipos de configurações de mão adequadas na produção de classificadores mais específicos.

Como referido, para o presente estudo foi utilizada apenas uma tarefa do ASLAI, a tarefa *Real Objects (RO)*, constituída por 27 itens (objetos e ações), e que para efeitos deste trabalho foram apresentados e gravados em vídeo, sem qualquer gesto associado, apenas a imagem. Os itens evocam, em geral, 5 tipos de construções com classificadores: (i) classificadores de partes do corpo; (ii) classificadores de entidade para pessoa; (iii) classificadores de objetos gerais; (iv) classificadores especificadores de tamanho e forma; e (v) classificadores complexos (Figura 3). Os estímulos foram apresentados aos participantes através de um computador. Todas as respostas produzidas foram gravadas em vídeo.

Para a aplicação desta tarefa, seguimos os parâmetros do trabalho de investigação e de análise do uso de classificadores na Língua de Sinais Brasileira (BERNARDINO, 2012).



Figura 3: Exemplos de itens de classificadores complexos, classificadores de objetos reais e classificadores de partes do corpo.

### Tarefa 2: História

Apresentou-se uma história em quadrinhos (Figura 4), desenhada propositadamente para este estudo. A história foi dada em papel para que cada participante observasse durante um período de tempo até se sentir confortável para produzir gestualmente. O conto desta história permite que os classificadores sejam produzidos em contexto discursivo e, por isso, mais próximo de uma produção natural.

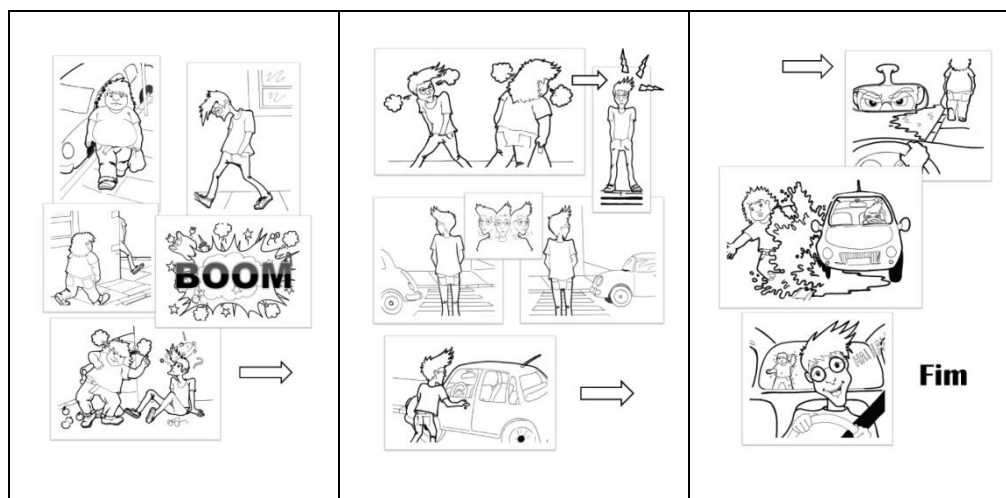


Figura 4: História apresentada para produção gestual.

Os possíveis classificadores que podem surgir no conto desta história variam quanto à:

- caracterização das duas personagens;
- forma como se dá o impacto entre as duas personagens (por exemplo, classificadores de corpo inteiro, com ou sem pernas, só cabeça);
- descrição de objetos no chão;
- forma como as personagens se olham (por exemplo, classificadores de olhos ou de cabeça);
- descrição do olhar ao atravessar a faixa de pedestres, o próprio gesto na faixa de pedestres;
- posição do carro, o abrir a porta do carro etc., (em andamento e o seu percurso do carro, a da direção da água projetada de/para ou só para a pessoa).

## **Resultados**

Os resultados obtidos foram analisados após serem observados os vídeos, através da extração não automática e sem recurso a nenhum programa de anotação. Os classificadores obtidos através da análise visual dos filmes referentes às tarefas 1 e 2 foram todos extraídos para uma tabela e analisados segundo os parâmetros fonológicos da LGP. Para analisar as configurações, enquanto parâmetro fonológico da LGP, utilizamos a tabela de configurações elaborada por Carmo *apud* Mineiro & Colaço (2010).

### *Resultados da Tarefa 1*

Na impossibilidade de se apresentar os resultados dos 27 itens da tarefa RO, procuraremos apresentar os principais resultados.

As configurações apresentadas na produção de classificadores para as entidades *pé/ pernas/ mão/ chão/ base/ parede/ carro/ livro/ volume de pilhas de papel/ janela/ elevador* apresentam-se com variações fonológicas, podendo haver variações nos traços *junção* [+ ou - flexionado] e *abertura* [+ ou - aberto] (VAN DER HULST, 1995). Há variação fonológica na figura 5.





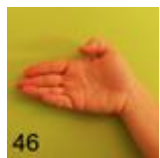
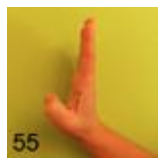
<b>M1 e M2</b>				
<b>12 - 16 anos</b>	2			3
<b>16 - 25 anos</b>	1	3		1
<b>30 - 50 anos</b>		1	1	2
<b>&gt; 50 anos</b>	2	1		2
<b>Nº Total ocorrências</b>	<b>5</b>	<b>5</b>	<b>1</b>	<b>8</b>

Figura 5: Variação fonológica nos traços de *junção* e *abertura* do polegar na produção de classificadores para o item *dois pés virados para fora*.

A variação na produção é também visível nos nós de *seleção dos dedos* e *posição dos dedos* da configuração (figura 6). Esta variação é visível no item *pernas cruzadas e esticadas* e parece ser motivada pelas diferentes perspetivas dos gestuantes em focar as pernas ou focar os pés.




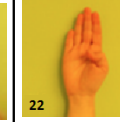

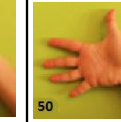
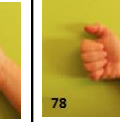
<b>M1- Mão Dominante</b>							
<b>12 - 16 anos</b>	1	2			1	1	
<b>16 - 25 anos</b>	2	2			1		
<b>30 - 50 anos</b>		2	1	2			
<b>&gt; 50 anos</b>	1	2		1			1
<b>Nº Total ocorrências</b>	<b>4</b>	<b>8</b>	<b>1</b>	<b>3</b>	<b>2</b>	<b>1</b>	<b>1</b>

Figura 6: Variação na seleção e posição dos dedos na produção de classificadores para o item *pernas cruzadas e esticadas*.

No entanto, alguns itens não revelaram ter variação fonológica na configuração do classificador, como foi o caso do item *olhos* (figura 7), no qual a configuração caracteriza a forma esférica do globo ocular e acrescentando-se apenas o seu movimento, ou apresentam ter variação residual, como foi o caso do item *à procura de algo debaixo do sofá* (figura 8), no qual apenas os traços *abertura* e *junção* tiveram ligeira variação.

<b>M1- Mão Dominante</b>		<b>M1- Mão Não Dominante</b>	
<b>12 - 16 anos</b>	5	<b>12 - 16 anos</b>	5
<b>16 - 25 anos</b>	5	<b>16 - 25 anos</b>	5
<b>30 - 50 anos</b>	5	<b>30 - 50 anos</b>	5
<b>&gt; 50 anos</b>	5	<b>&gt; 50 anos</b>	5
<b>Nº Total ocorrências</b>	<b>20</b>	<b>Nº Total ocorrências</b>	<b>20</b>

Figura 7: Configuração utilizada para o classificador *olhos em movimento*.


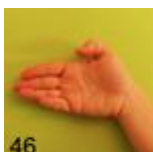
<b>M1- Mão Dominante</b>			
<b>12 - 16 anos</b>			5
<b>16 - 25 anos</b>		1	4
<b>30 - 50 anos</b>	3		2
<b>&gt; 50 anos</b>	3		2
<b>Nº Total ocorrências</b>	<b>6</b>	<b>1</b>	<b>13</b>

Figura 8: Configurações utilizadas para o classificador *à procura de algo debaixo do sofá*.

A partir dos dados desta tarefa, observa-se que a M2 pode ter a mesma função que a M1 com uma articulação paralela em semelhança (por exemplo, no item *olhos em movimento* da figura 7), mas também pode ter a função de suporte ou base da ação da entidade que está sendo representada pelo classificador. Para este caso, vejamos o exemplo do item *uma pessoa plantando bananeira*. Verifica-se que a maioria dos participantes (18 participantes) produziram este item com dois articuladores manuais. A M1 apresentou-se com a função de referenciar a entidade *pernas* e a sua orientação, enquanto que a M2 representa o suporte onde se faz o movimento (figura 9). Observa-se também que em alguns casos houve a referência de como as mãos estavam colocadas antes de articular o *movimento*, no qual se verifica que a configuração nº 15 foi a mais utilizada (figura 10).

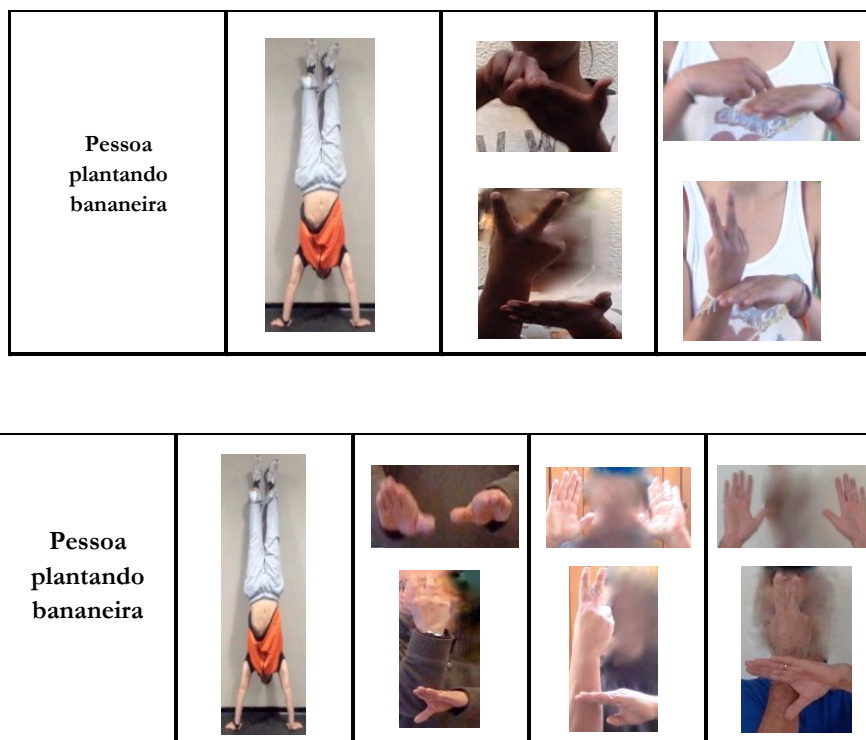


Figura 9: Alguns exemplos da variação fonológica entre participantes nas configurações utilizadas na produção de classificadores.





M1- Mão Dominante				
12 - 16 anos	4			1
16 - 25 anos	3		1	1
30 - 50 anos	5			
> 50 anos	3	1		1
<b>Nº Total ocorrências</b>	<b>15</b>	<b>1</b>	<b>1</b>	<b>3</b>

Figura 10: Classificadores produzidos na M1 para o item *pessoa plantando bananeira*.

Na produção do item *latas* ainda se verificou a introdução de um gesto numérico para indicar a existência do número de latas na sequência apresentada: a diferença está na introdução do numeral após ter feito o respetivo classificador de latas (figura 11). Esta introdução foi realizada apenas por 3 participantes pertencentes à faixa etária dos 12-16 anos.

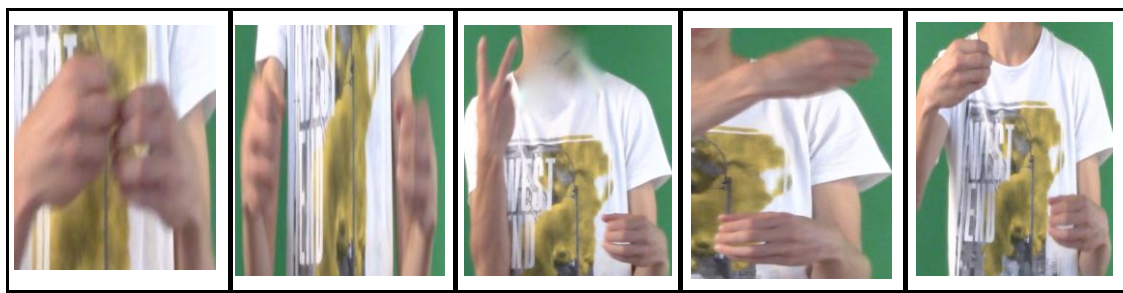


Figura 11: Exemplo de produção do item *latas* com introdução de numeral.

Nesta última produção pode observar-se que a função do classificador da M2 é diferente da função da M2 do exemplo da figura 12. O primeiro tem o referente de *lata* e, no exemplo da figura 12, a M2 funciona como base plana tendo como referente uma mesa, uma bancada ou uma prateleira ou algo que suporta as latas. O movimento do classificador é o idêntico, começando da esquerda para a direita e afastando-se do emissor e de seguida apresentando a posição em que as latas se figuram.

Na figura 12, a M2 apresenta alternadamente dois referentes entre a superfície plana para o formato de lata e voltando de novo para a superfície plana. Esta alteração do referente da M2 não foi sempre verificada (figura 13), apenas em dois gestuantes da faixa etária a partir dos 50 anos e um da faixa etária dos 16-25 anos de idade mantiveram o referente da M2 em toda a produção do item *latas*. Verifica-se também que ocorre uma variação na orientação da configuração da M2 através da palma da mão virada para cima ou virada para baixo.

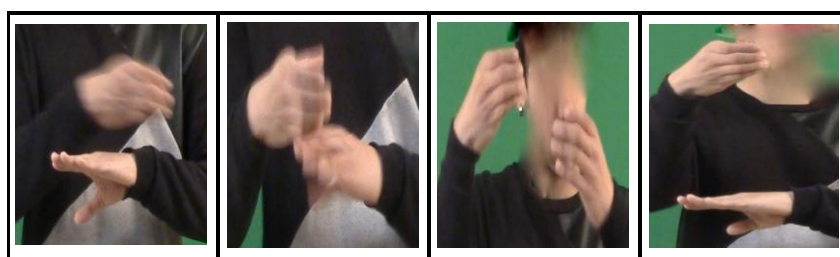


Figura 12: Exemplo de produção do item *latas* sem a introdução do numeral.



Figura 13: Exemplo de produção do item *latas* sem alteração do classificador articulado pela M2.

Esta variação da orientação da M2 foi também verificada nas produções para o item *torre de livros mais ou menos alinhados* (figura 14). Neste caso, mais uma vez observamos que a M2 sofre de variação na orientação da palma da mão, sem haver alternância na M1. É de salientar a importância da orientação da palma da mão neste item, sendo que a maioria dos participantes optou por articular a configuração da M2 com orientação para baixo, com 15 ocorrências e só 3 ocorrências com a palma virada para cima. A diferença estará na M2 como função de suporte dos livros (palma para cima) e como representação da entidade livros (palma para baixo) uma vez que os livros se apresentam uns em cima dos outros. Um dos participantes optou por produzir a forma da torre dos livros com as palmas das mãos orientadas para dentro em simultâneo; aqui poderíamos sugerir que a representação do classificador não se direciona propositalmente para os livros uns sobre os outros, mas sim para a forma que a torre de livros apresenta. Todos as produções tiveram um movimento de baixo para cima.



Figura 14: Exemplos e número de ocorrências do classificador do item *torre de livros mais ou menos alinhados*.

Estas características da orientação da M2 e o movimento de baixo para cima foram verificados também no item *pilha de papel*. Em alguns casos a M2 teve função de suporte, em outros casos, a M2 apresentou-se como um classificador idêntico ao da M1, mas com entidade diferente, uma vez que permitia a distinção entre pilhas de papel (figura 15).



Figura 15: Exemplos da configuração do classificador do item *torre de livros mais ou menos alinhados*.

### *Resultados da Tarefa 2*

No conto da história, também apresentaremos os principais resultados, uma vez que não será possível descrever todas as produções.

Nesta tarefa, verificou-se que para a caracterização das personagens da história, os gestuantes optaram, na maioria, descrever o tamanho da personagem *gorda* (19 ocorrências), mas a personagem magra foi representada com alternância de pessoa magra e/ou cabelo da pessoa magra. Verifica-se assim que o tamanho e o cabelo de uma pessoa parecem ser as características mais visíveis na identificação por via de classificadores (figuras 16 a 19). Nestes casos, também se verifica variação nos traços de *joint* e *abertura*.

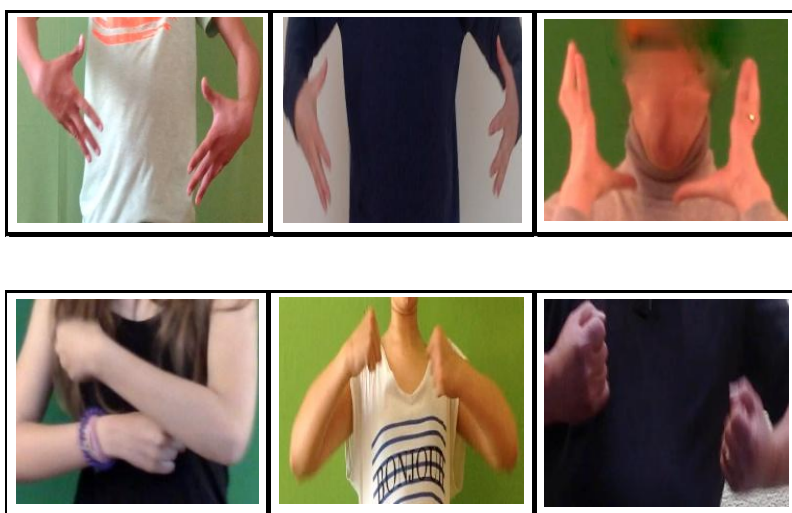


Figura 16: Exemplos da produção do item *pessoa gorda*.

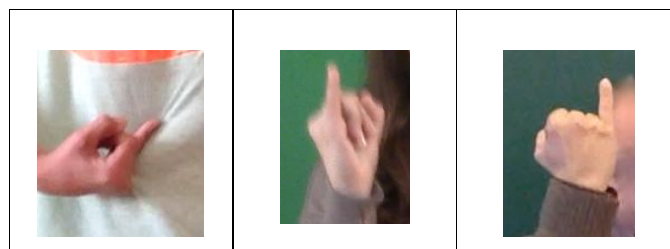


Figura 17: Exemplos da produção do item *pessoa magra*.



Figura 18: Exemplos da produção do item *cabelo de pessoa gorda*.

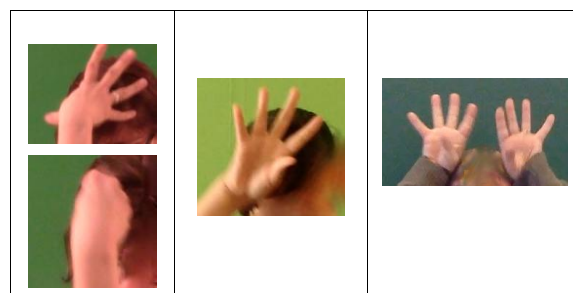


Figura 19: Exemplos da produção do item *cabelo de pessoa magra*.

O classificador referente a *andar* é um dos classificadores principais na narração da história, sujeitando-se à caracterização da personagem e à forma como esta está andando. Dado o número de fatores característicos da ação *andar*, foi verificada variabilidade no uso de classificadores para esta ação. Foram encontrados classificadores que representam o movimento de *andar* com o corpo e com as duas pernas, tendo ou não a M2 representando o chão. Foi também verificada a utilização da configuração em R, que muitas vezes é utilizada não só para a ação *andar*, como também para as ações *subir* e *descer*, podendo a configuração assumir um plano horizontal ou vertical indicando que é uma pessoa andando (figura 20).



Figura 20: Exemplos de produções de classificadores para a ação *andar*.

A ação *abrir a porta do carro* é também um momento marcante no conto da história para a produção de classificadores. A produção desta ação teve 17 ocorrências entre os 20 participantes. Verificaram-se três (3) possibilidades de configuração para o classificador *abrir a porta do carro*: (i) classificador de fechadura do carro; (ii) classificador de puxador do carro, (iii) classificador de fechadura + puxador (figura 21).







Figura 21: Exemplos de produções da ação *abrir a porta do carro*.

### Considerações Finais

Neste estudo piloto pretendemos estudar os classificadores através de uma tarefa de produção mediada e de uma tarefa de produção espontânea controlada. Para tal participaram gestuantes com Língua Gestual Portuguesa como língua do seu quotidiano e adquirida antes dos 6 anos de idade. Por questionarmos a possibilidade de haver alterações na utilização dos classificadores entre as várias faixas etárias, fizemos um estudo que abrangesse as várias idades de gestuantes.

Assim, o objetivo deste estudo foi investigar a existência de classificadores e a sua utilização em LGP. Para esse propósito, recolheram-se produções mediadas através da tarefa RO Task, (HOFFMEISTER et al., 1990), e produção espontânea controlada através de um conto de uma história em quadrinhos construída para este estudo.

Concluimos que os traços fonológicos da configuração manual da LGP não são respeitados de forma rígida na produção de classificadores, já que os gestuantes se socorrem de configurações que divergem entre si predominantemente nos traços do nó posição dos dedos, mas que estão entre si agrupadas pelas semelhanças fonológicas que exibem, não utilizando uma única configuração para um classificador. Esta variabilidade encontra-se presente em todos os classificadores observados. Por outro lado, a utilização aleatória dos articuladores manuais M2 confirma esta tendência dos classificadores de serem morfemas livres e criativos, ao invés de se conformarem com as regras mais rígidas as quais obedecem os gestos lexicalizados.

No que respeita a utilização dos classificadores pelas diferentes faixas etárias, não existem diferenças significativas entre os grupos. No entanto, poder-se-ia mencionar que se

denota uma maior liberdade expressiva na camada de gestuantes mais jovem até a uma maior consciência linguística e consolidação da língua gestual pela camada de gestuantes mais velhos, mas que não foi possível de confirmar perante os resultados aqui apresentados e os analisados em Carmo (2016).

Este estudo é uma reflexão do trabalho de mestrado de Carmo (2016) onde foi descrito detalhadamente o uso de classificadores nestas duas tarefas. Por ser um estudo piloto, é importante salientar que este pretende não só contribuir para futuros estudos linguísticos sobre classificadores da LGP e de outras línguas gestuais, como também tem o objetivo de ser o ponto de partida para uma descrição e análise do comportamento morfossintático destes elementos linguísticos na LGP.

## Referências

ALLAN, K. Classifiers. **Language n. 53**, 1977, p.284-310.

ARONOFF, M.; Meir, I.; Padden, C.; Sandler, W. Classifier constructions and morphology in two sign languages. In: EMMOREY, K. (Org.). **Perspectives on classifier constructions in sign languages**. Mahwah, NJ; Londres: Lawrence Erlbaum Associates, 2003.

BERNARDINO, E. L. O uso de classificadores na Língua de Sinais Brasileira. **ReVEL v. 10**, n. 19, 2012, p. 250-280.

CARMO, H. **Os classificadores na Língua Gestual Portuguesa: primeira abordagem**. Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade Católica Portuguesa, 2016.

EMMOREY, K. **Perspectives on classifier constructions in sign languages**. Mahwah, NJ, Londres: Lawrence Erlbaum Associates, 2003.

FARIA-NASCIMENTO, S. **Representações lexicais da Língua de Sinais Brasileira: uma proposta lexicográfica**. Tese (Doutorado em Linguística). Brasília: UNB, 2009.

FERREIRA-BRITO, L. **Por uma gramática da Língua de Sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, UFRJ, 1995.

HOFFMEISTER, R.; GREENWALD, J.; BAHAN, B.; COLE, J. **American Sign Language Assessment Instrument: ASLAI**. Center for the study of Communication and the Deaf: Boston University, 1990.

HOFFMEISTER, Robert; PHILIP, Marie; COSTELLO, Patrick; GRASS, Wende. **Evaluating American Sign Language in deaf children: ASL influences on reading with a focus on classifiers, plurals, verbs of motion and location**. Trabalho apresentado no Annual Conference of Educators of the Deaf. Hartford: 1997.

KOURBETIS, Vassilis; HOFFMEISTER, Robert; BERNARDINO, Elidéa. **Assessing verbs of location and verbs of motion in Greek Sign Language**. Trabalho apresentado no International Congress on the Education of the Deaf (ICED). Maastricht: Netherlands, 2005.

MARTINS, E. **A tradução para voz de poesia concebida em Língua Gestual Portuguesa**. Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade Católica Portuguesa, 2016.

MEIR, I. Grammaticalization and modality: the emergence of a case-marked pronoun in Israel Sign Language. **Journal of Linguistics** n. 39, 2003, p. 109-140.

MINEIRO, A.; COLAÇO, D. **Introdução à fonética e fonologia na LGP e na Língua Portuguesa**. Lisboa: UC Editora, 2010.

NASCIMENTO, S.; CORREIA, M. **Um olhar sobre a morfologia dos gestos**. Lisboa: UC Editora, 2011.

QUADROS, R.; KARNOPP, L. **Língua de Sinais Brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2004.

SCHEMBRI, A. **The structure and formation of signs in Auslan (Australian Sign Language)**. Tese de Doutorado não publicada. Sydney: Universidade de Sydney, 1996.

\_\_\_\_\_. **Issues in the analysis of polycomponential verbs in Australian Sign Language (Auslan)**. Tese de Doutorado não publicada. Sydney: Universidade de Sydney, 2001.

\_\_\_\_\_. Rethinking “classifiers” in sign languages. In: EMMOREY, K. (Org.). **Perspectives on classifier constructions in sign languages**. Mahwah, NJ; Londres: Lawrence Erlbaum Associates, 2003.

SUPALLA, T. **Structure and acquisition of verbs of motion and location in American Sign Language**. Tese de Doutorado não publicada. San Diego: Universidade da California, 1982.

\_\_\_\_\_. The classifier system in American Sign Language. In: CRAIG (Org.). **Noun Classification and Categorization**. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 1986.

TANG, G. Verbs of motion and location in Hong Kong Sign Language: conflation and lexicalization. In: EMMOREY, K. (Org.). **Perspectives on classifier constructions in sign languages**. Mahwah, NJ; Londres: Lawrence Erlbaum Associates, 2003.

VAN DER HULST, H. The composition of handshapes. **University of Trondheim Working Papers in Linguistics n. 23**, 1995, p. 1-17.

### ***Abstract***

*The present pilot study provides the first analysis of the use of classifiers in Portuguese Sign Language (LGP) by observing the articulation of these elements in deaf signers of different age groups (from 12 to 60 years old). For this purpose, it was collected a systematized corpus with elicited productions through one subtask from ASLAI test developed by Hoffmeister and colleagues (1990) and with spontaneous productions through a purposely designed story. From collected data of LGP classifiers, it was observed a great phonological variation in position of fingers in the use of classifiers, which joint and*

*aperture features were the most susceptible to variation. It was also verified when non dominant hand is not identical with dominant hand in its classifier, the non dominant hand may represent the location of classifier produced by dominant hand. The phonological variation of configuration hands and its features were transversal to all signers, with no difference between ages.*

**Keywords:** *Classifiers. Portuguese Sign Language. ASLAI*